Dia 3 — São Heliodoro, Bispo

Foi natural da Dalmácia e contemporâneo de São Jerônimo, com quem travou estreita amizade; e crê-se que ambos eram de um mesmo lugar, isto é, de Estridão, cidade da Ilíria, nos confins da Dalmácia e da Panônia, que depois foi destruída pelos godos; e nasceu pelo princípio do quarto século. Ignoram-se os sucessos de seus primeiros anos, e apenas se sabe que seus pais eram muito abastados e tiveram grande cuidado de dar-lhe uma educação cristã. Tendo ido à Itália São Jerônimo, seguiu-o Heliodoro, não só com o fim de aperfeiçoar-se no estudo das letras humanas e divinas, mas principalmente com o intento de instruir-se naquele gênero de vida que lhe parecesse mais proporcionado para fazer-se santo. A princípio teve o pensamento de peregrinar por todas as províncias do Oriente para aprender daqueles grandes mestres da vida espiritual a arte de chegar à perfeição; mas, conhecendo bem o fundo de São Jerônimo, pareceu-lhe que lhe bastava para isto o magistério de tão santo e sábio diretor; pelo que, informado de que havia voltado das Gálias, foi procurá-lo em Aquileia e, entregue inteiramente à disciplina de tão hábil como experimentado mestre, em breve tempo fez admiráveis progressos nos caminhos do Senhor.

Mal provou Heliodoro as doces consolações da vida interior, causou-lhe tédio e fastio a tumultuosa e buliçosa vida do mundo, sendo desde então a solidão o objeto de todos os seus anseios e suspiros; com tudo isso, não pôde resolver-se a separar-se de seu amado diretor; mas desde logo iniciou certo gênero de vida monacal e, sem encerrar-se em nenhum mosteiro, praticava privadamente em sua casa todos os exercícios da vida ascética e solitária, sem se deixar ver quase de ninguém e empregando dia e noite na oração e no estudo da sagrada Escritura.

Mas, tendo determinado São Jerônimo fazer uma viagem ao Oriente em companhia de Inocêncio e do presbítero Evágrio, quis também Heliodoro acompanhá-los. Não era precisamente seu fim fazer-se mais sábio conversando com os grandes homens que então floresciam, mas santificar-se mais e mais, visitando tantos milagrosos varões quantos a esse tempo enchiam o mundo de portentosos exemplos. Percorreram juntos a Trácia, a Bitínia, o Ponto, a Galácia e, enfim, chegaram à Síria. Entraram em Antioquia, onde conheceram o famoso heresiarca Apolinário, cuja heresia ainda não estava publicamente descoberta, pelo grande cuidado que punha em dissimular seus erros com o véu de uma virtude aparente e a favor de uma falaz e artificiosa eloquência. Concorria frequentemente Heliodoro a ouvir-lhe a explicação da sagrada Escritura; mas tardou pouco em perceber o veneno que derramava o novo doutor com tanta sutileza. Fez-se-lhe muito suspeita a novidade de suas opiniões, e isto bastou para olhá-las com horror.

Depois que São Jerônimo fez alguma morada em Antioquia, retirou-se a um deserto da província de Cálcida, para os confins da Síria e da Arábia. Seguiu-o São Heliodoro, satisfazendo a um mesmo tempo sua invariável inclinação à solidão e sua terna paixão por seu santo diretor. Ficou Evágrio em Antioquia e, como era homem rico, tomou por sua conta prover-lhes de tudo o necessário para seu sustento.

Fazia Heliodoro maravilhosos progressos na ciência dos santos, não menos com as lições que com os exemplos de tão experimentado mestre, quando, renovando-se de repente em seu coração a terna memória da doce pátria e o amor a seus parentes, sentiu uns vivíssimos desejos de voltar à Dalmácia. Por mais que São Jerônimo lhe representasse o laço que lhe armava o tentador, venceu finalmente o amor à pátria e partiu para ela, dando palavra a seu diretor de que voltaria a procurá-lo. Parecendo a Jerônimo muito longa a estada que fazia entre seus parentes, causou-lhe alguma inquietação, temendo que tanto estes como os grandes bens que podia herdar de seus pais o fizessem fraquejar na vocação e voltasse a engolfar-se nos perigos do mundo. Com este temor, de seu desterro de Cálcida escreveu-lhe a carta seguinte, cheia de ternura, não menos que de vivos e cristãos desenganos.

«Bem sabes, amado Heliodoro meu, quão oprimido ficou meu coração quando te vi apartar de mim. Foi-me tua ausência sumamente dolorosa; não cessaram meus olhos de chorar desde que te separaste de minha presença, e o mesmo papel em que te escrevo pode dar testemunho de que ainda não se esgotou o manancial. Permite que te procure com minhas cartas, já que não te pude deter com minha pessoa.» E passando de repente, por uma parte, às mais carinhosas e, por outra, às mais vivas repreensões, acrescenta:

«Mas a que fim usarei contigo de súplicas nem de afagos? Um coração tão dolorosamente ferido como o meu não deve manejar outras armas que a cólera para a vingança. Que fazes, pois, na casa de teu pai, delicado e tímido Heliodoro? Já se ouve o ruído das trombetas, e tu não tens valor para marchar ao combate? Aonde se foi aquele santo ardor de teus primeiros alentos? Esqueceste-te porventura de quem é o capitão em cujos estandartes te alistaste?» Aqui é onde São Jerônimo recorda a seu querido Heliodoro aquela máxima, igualmente generosa que cristã, tantas vezes repetida:

«Ainda que tua mãe, estendidos e desgrenhados os cabelos, banhados em lágrimas os olhos, empregasse todo o artifício da ternura mais lisonjeira e tentadora; ainda que te pusesse à vista aqueles mesmos peitos que te deram leite, com o fim de deter-te; ainda que teu pai se prostrasse no umbral da porta para fechá-la a ti, não deverias acovardar-te: deverias passar por cima dele, pisar e atropelar teu pai por amor de Jesus Cristo. Seria então piedosa a mesma crueldade, seria brandura cristã a insensibilidade e a dureza. Corre, voa às bandeiras de Cristo, nas quais te alistaste.

«Considera que, se ainda fazes pretensão à herança do século, é preciso que renuncies ao direito que tens a ser co-herdeiro de Cristo no reino da glória. Um verdadeiro servo de Cristo (diz em outra parte) nem deseja possuir nem efetivamente possui outra coisa que o mesmo Jesus Cristo. Se desejas ser perfeito, amado Heliodoro, para que voltas ainda os olhos para a caduca e perecível sucessão de teu pai? Mas, se já não o desejas, como tiveste alento para enganar o Senhor (por dizê-lo assim), prometendo-lhe não pôr jamais teu coração em outra coisa que nele? E não te canses em alegar-me razões para escusar tua inconstância, porque todas são muito frívolas; não há laços que não possa romper o amor de Deus ou o temor do inferno, quando se quer eficazmente.»

O fim da carta contém o elogio da vida solitária e é um poderoso estímulo a Heliodoro para que volte a gostar de sua doçura.

«Ó deserto (exclama o santo doutor), ó deserto! Tu só produzes aquelas flores que exalam tão grato odor ao gosto de Jesus Cristo. Ó encantadora solidão, em que nasce a pedreira de onde se tiram as pedras para edificar a cidade santa de Sião! Ó dulcíssimo retiro, no qual não se desdenha Deus de tratar familiarmente com o homem! Que fazes no mundo, amado irmão meu, tu que és mais nobre que o próprio mundo? Até quando te hás de deter voluntariamente cativo nessa tumultuosa e buliçosa morada das povoações? Ó Heliodoro, tu temes a pobreza, e vê aqui que Jesus Cristo diz que são bem-aventurados os pobres! Espanta-te o trabalho; mas dize-me: consegue-se a coroa sem peleja? Põem-te medo os jejuns e as penitências; mas por que não consideras que tudo suaviza a fé? Não, amado Heliodoro meu, não há que esperar alegrar-se neste mundo e reinar no outro com Cristo.»

Não puderam deixar de fazer impressão num coração tão bem disposto umas instâncias tão vivas como fortes. Ignoramos absolutamente os estorvos que impediram a nosso santo voltar à solidão da Síria; somente sabemos que, por mais que o mundo o tentou, valendo-se de todos os seus artifícios para enganá-lo, jamais desmentiu sua primeira resolução. Não alterou sua inclinação ao retiro a estada em seu país, vivendo entre seus parentes como poderia na ermida ou na gruta de Cálcida; e logo que pôde deixar sua pátria, despediu-se dela para não tornar a vê-la jamais. Desconfiando de poder juntar-se outra vez com seu diretor, resolveu fazer segunda viagem à Itália; e, tendo presentes os grandes exemplos de virtude que havia observado em muitos santos eclesiásticos dos que compunham o clero de Aquileia, determinou encaminhar-se a esta cidade. Mal chegou, deu-se a conhecer por sua virtude, por sua sabedoria e por seu mérito, fazendo-se digno de ser logo admitido no mesmo clero; em cujo venerável corpo, não obstante compor-se de eclesiásticos tão exemplares, distinguiu-se muito em breve por sua doutrina e por suas raras virtudes. À vista de sua vida retirada, humilde e penitente, honrou-se-lhe com a veneração universal, sendo geralmente aclamado por homem santo; e, vagando por então a cadeira episcopal de Altino, sufragânea da metrópole de Aquileia, não se achou em todo o clero sujeito mais digno de ocupá-la que Heliodoro. Custou muito vencer sua repugnância a tão alta dignidade, sem que a eleição do povo e do clero bastasse para persuadi-lo de que era benemérito dela, atemorizando-o as terríveis obrigações do cargo episcopal; mas por fim, depois de longa resistência, foi-lhe preciso ceder e render-se à vontade de Deus tão sensivelmente declarada.

Deu novo lustre a dignidade a sua virtude; e, dobrando os jejuns e as penitências, em pouco tempo mereceu, por seu zelo e por sua doutrina, o conceito geral de um dos prelados mais santos daquele século. Fez eterna guerra aos inimigos da fé, mantendo-se inseparavelmente unido à doutrina da Igreja. Opôs-se com vigor aos dogmas dos apolinaristas e dos arianos, assistindo ao concílio de Aquileia, que com este fim se celebrou no ano de 381. Havia-se convocado a solicitação de Santo Ambrósio, que foi como a alma do concílio; e, conhecendo nesta ocasião o bispo de Altino, descobriu seu grande fundo e estreitou com ele uma fina amizade.

Concluído o concílio, dedicou-se inteiramente nosso santo a conduzir suas ovelhas pelo caminho seguro da salvação, apascentando-as com o pasto da palavra de Deus. Não houve pastor mais aplicado a prover as necessidades de seu rebanho e a preservá-lo de tudo o que o podia

prejudicar. Aos que haviam movido suas exortações, acabavam de converter seus exemplos. Era tudo para todos, para ganhá-los a todos. Fez-se dono dos corações por sua caridade, por sua humildade e por sua mansidão; e já se sabia que suas rendas não eram para ele, mas para os pobres.

Nunca se esqueceu São Jerônimo de seu amado discípulo e, em uma de suas epístolas, dá testemunho de que Heliodoro conservava no episcopado a mesma austeridade e a mesma exatidão da vida monástica, sendo na verdade muito difícil encontrar bispo mais exemplar nem mais perfeito. Não se sabe precisamente o tempo de sua santa morte; somente é certo que foi preciosa aos olhos do Senhor, pois a Igreja consagrou sua memória, fixando sua festa para o dia 3 de julho, e é muito provável que sucedesse pelo fim do quarto século.

Martirológio Romano

Em Alexandria, os santos mártires Trifão e outros doze.

Em Constantinopla, São Eulógio e seus companheiros mártires.

Em Cesareia da Capadócia, São Jacinto, fidalgo do imperador Trajano, que, tendo sido acusado de cristão, foi atormentado com diferentes suplícios e aferrolhado num cárcere, onde morreu de fome.

Em Chiusi, na Toscana, os santos mártires Ireneu, diácono, e uma senhora chamada Mustíola, que mereceram a coroa do martírio com diferentes horrorosos suplícios no tempo do imperador Aureliano.

No mesmo dia, os santos mártires Marco e Muciano, apunhalados pela fé de Jesus Cristo. A um terno menino que os animava a grandes vozes a não imolar aos ídolos, pegaram-no e fizeram-no em pedaços a chicotadas; e, como confessasse com maior denodo o nome de Jesus Cristo, foi morto em companhia de outro homem chamado Paulo, que também alentava nossos mártires.

Em Laodiceia, na Síria, Santo Anatólio, bispo, que nos deixou alguns escritos admirados não só pelas pessoas piedosas, mas também pelos filósofos profanos.

Em Altino, São Heliodoro, bispo, ilustre por seu saber e doutrina.

Em Ravena, São Dato, bispo e confessor.

Em Edessa, na Mesopotâmia, a trasladação das relíquias do apóstolo São Tomé, trazidas das Índias e, com o tempo, transferidas a Ortona.

Em Évreux, Santa Brígida de Nogent, virgem.

Em Knocke, aldeia marítima de Flandres, diocese de Bruges, São Gutagão, confessor.

No mesmo dia, o natalício de Santa Teodota, que padeceu com os santos mártires Diomedes, Teódoto, Eulampo, Asclepiodoto e Golinduque.

Numa ilha das costas da Irlanda, São Jármano, bispo.

Na Inglaterra, São Tatvino, solitário.

Neste mesmo dia, São Hilfredo, bispo, venerado pelos Premonstratenses da Espanha.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Heliodori, confessoris tui atque pontificis, solemnitate deferimus: et qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis ab omnibus nos absolve peccatis. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que ouçais benigno as orações que vos fazemos na solenidade de vosso bem-aventurado confessor e pontífice Heliodoro, e que nos livreis de todos os nossos pecados, pela intercessão e méritos daquele que vos serviu tão dignamente. Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 13 do apóstolo São Paulo aos Hebreus.

Hebreus 13,7-17

> **Latim:** 7 Mementote præpositorum vestrorum, qui vobis locuti sunt verbum Dei : quorum intuentes exitum conversationis, imitamini fidem. 8 Jesus Christus heri, et hodie : ipse et in sæcula. 9 Doctrinis variis et peregrinis nolite abduci. Optimum est enim gratia stabilire cor, non escis : quæ non profuerunt ambulantibus in eis. 10 Habemus altare, de quo edere non habent potestatem, qui tabernaculo deserviunt. 11 Quorum enim animalium infertur sanguis pro peccato in Sancta per pontificem, horum corpora cremantur extra castra. 12 Propter quod et Jesus, ut sanctificaret per suum sanguinem populum, extra

> portam passus est. [13] Exeamus igitur ad eum extra castra, improperium ejus portantes. [14] Non enim habemus hic manentem civitatem, sed futuram inquirimus. [15] Per ipsum ergo offeramus hostiam laudis semper Deo, id est, fructum labiorum confitentium nomini ejus. [16] Beneficentiæ autem et communionis nolite oblivisci : talibus enim hostiis promeretur Deus. [17] Obedite præpositis vestris, et subjacete eis. Ipsi enim pervigilant quasi rationem pro animabus vestris reddituri, ut cum gaudio hoc faciant, et non gementes : hoc enim non expedit vobis.

Português: [7] Lembrai-vos dos vossos prelados, que vos fallárao a palavra de Deos: cuja fé haveis de imitar, considerando qual haja sido o fim da sua conversação. [8] Jesu Christo era hontem, e he hoje: o mesmo tambem será por todos os seculos. [9] Não vos deixeis tirar do caminho por doutrinas varias, e estranhas. Porque he muito bom fortificar o coração com a graça, não com vian-das: que não aproveitárao aos que andaráo nellas. [10] Nós temos hum altar, do qual os ministros do tabernáculo não tem faculdade de comer. [11] Porque os corpos d'aquelles animaes, cujo sangue he mettido pelo pontifice no santuario para expiação do peccado, são queimados fóra dos arraiaes. [12] Pelo que tambem Jesus, para que santificasse ao povo pelo seu sangue, padeceo fóra da porta. [13] Saíamos pois a elle fóra dos arraiaes, levando sobre nós o seu opprobrio. [14] Porque não temos aqui cidade permanente, mas vamos buscando a futura. [15] Offereçamos pois por elle a Deos sem cessar sacrificio de louvor, isto he o fruto dos labios, que confessão o seu nome. [16] E não vos esqueçais de fazer bem, e de repartir dos vossos bens com os outros: porque com taes offrendas he que Deos se dá por obrigado. [17] Obedecei a vossos superiores, e sede-lhes sujeitos. Porque elles vé-lão, como quem ha de dar conta das vossas almas, para que fação isto com gozo, e não gemendo: pois isto he huma cousa que vos não convem.

Nota

«É esta epístola aos Hebreus um dos mais belos e mais preciosos monumentos que possui a Igreja de Deus. O assunto da epístola é grande, as expressões nobres, o estilo cheio e elevado; nela tudo é sublime. Desta epístola fala São Pedro em sua segunda aos mesmos Hebreus ou Judeus quando diz: *Paulo, nosso irmão, vos escreveu já destas coisas, segundo a sabedoria que lhe foi comunicada.*»

Reflexões

Trazei à memória os que vos anunciaram a palavra de Deus e, fazendo reflexão ao fim que se propuseram em sua conduta e em sua vida, imitai sua fé. Nós, graças ao Senhor, seguimos sua fé; mas imitamos suas virtudes? Não pode haver maior desproporção entre os costumes daqueles

heróis cristãos e os nossos, entre nossa conduta e a sua. Todos temos a mesma fé, os mesmos princípios, as mesmas verdades, a mesma religião, a mesma doutrina; mas a vida é muito diferente. Aqueles ilustres prelados, tão respeitados por suas brilhantes virtudes como por sua eminente santidade, são o objeto de nossa veneração; quando serão o modelo de nossa vida? A religião nunca envelhece; conservará a Igreja todo o seu vigor até o fim dos séculos; não se debilitaram as máximas de Jesus Cristo. Pois como se pode crer este Evangelho, como se pode seguir esta religião e viver como se não se cresse? Tragamos à memória aquelas grandes almas, cujos costumes foram o maior panegírico da religião e cuja vida foi a mais concludente prova de sua fé; não ignoramos quão preciosa foi sua morte aos olhos do Senhor; pensamos que será a nossa igualmente preciosa a seus divinos olhos? Imitamos sua fé; mas imitamos também sua virtude e sua inocência? Quando nos dará no rosto o ridículo, ou, por melhor dizer, a impiedade da monstruosa contradição de crer as verdades mais terríveis da religião e não seguir senão as detestáveis máximas do mundo? Empregos brilhantes, pretensões empenhadas, frutos naturais da ambição e da avareza, amor aos prazeres, projetos aéreos, fortunas lustrosas, todas as conveniências possíveis: estas são as grandes molas que dão impulso à maior parte das ações da vida; isto é, tudo isso é o que nos desvia de nosso último fim, o que absorve nossos desejos, o que estraga nossa saúde e o que nos ocupa toda a vida. Tudo nos parece importante, tudo indispensável quando se trata de nossos interesses, de nossas conveniências, de satisfazer nossas paixões; mas acaloramo-nos tanto quando se trata dos deveres da religião, de agradar a Deus ou desagradar-lhe? Coisa estranha! Anda-se com infinito melindre, praticam-se mil atenções com o mundo para fazer fortuna; só a Deus parece que se reputa por nada. Sabemos bem qual foi o paradeiro da conduta dos santos; pois pensemos qual será o paradeiro da nossa. Cremos que os santos seriam santos se tivessem vivido como nós vivemos? Com tudo isso, temos continuamente à vista estes grandes modelos de perfeição, mas contentamo-nos com admirá-los e venerá-los; isso de esforçarmo-nos por imitá-los, nem se fala. Ninguém lerá estas reflexões que não convenha no que digo; mas quantos se aproveitarão delas? Serão muitos? Parece que as máximas mais cristãs, que as mais santas leis estão derrogadas pelo uso ou pelo costume contrário; mas quem ignora que nem o relaxamento nem o abuso prescrevem jamais contra a religião?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Lucas.

Lucas 11,33-36

> **Latim:** 33 Nemo lucernam accendit, et in abscondito ponit, neque sub modio : sed supra candelabrum, ut qui ingrediuntur, lumen videant. 34 Lucerna corporis tui est oculus tuus. Si oculus tuus fuerit simplex, totum corpus tuum lucidum erit : si autem nequam fuerit, etiam corpus tuum tenebrosum erit. 35 Vide ergo ne lumen quod in te est, tenebræ sint. 36 Si ergo corpus tuum totum lucidum fuerit, non habens aliquam partem tenebrarum, erit lucidum totum, et sicut lucerna

> fulgoris illuminabit te.

Português: [33] Ninguem accende huma candéia, e a põe em hum lugar escondido, nem debaixo de hum alqueire: mas sobre hum candieiro, para que os que entrão vejão a luz. [34] O teu olho he a luz do teu corpo. Se o teu olho for simples, todo o teu corpo será lucido: se porém for mão, tambem o teu corpo será tenebroso. [35] Olha pois bem que a luz, que he em ti, não sejão trévas. [36] Se pois o teu corpo for todo lucido, sem ter parte alguma tenebrosa, todo elle será luminoso, e allumiari-te-ha, como huma luzerna de brillante luz.

Meditação

Das ilusões em matéria de moral

Primeiro ponto

Considera que não há coisa mais perniciosa que as ilusões em matéria de moral, e, contudo, tampouco a há mais comum nem mais fácil. Parece que nesta matéria tudo conspira para enganar-nos: o coração, naturalmente de acordo com o amor-próprio; o espírito, pronto sempre e sempre engenhoso em dar gosto aos sentidos e ao coração; os exemplos dos imperfeitos, continuamente em grande número; as paixões, que todas se coligam para sacudir o jugo da moral do Evangelho; os sentidos, inimigos declarados da verdadeira virtude; a própria razão natural, que muitas vezes caminha de inteligência com o amor-próprio; tudo concorre para enganar-nos, e os laços são tanto mais perigosos quanto mais ocultos e mais multiplicados. É certo que uma grosseira relaxação nos ofende; mas forma-se um sistema de moral que nos alucina, na aparência rígido, mas na realidade acomoda-se à concupiscência, lisonjeia os sentidos. Este sistema é sempre obra do amor-próprio: sacrifica sem misericórdia certas paixões que têm menos parentesco com nossa natural inclinação, mas à paixão dominante sempre a perdoa, sempre a respeita. O gênio sombrio, tétrico e melancólico canoniza o espírito de severidade e de retiro, sem poder tolerar os gênios abertos, aprazíveis e sociáveis; choca-o uma prudente e moderada alegria, enquanto ele se está alimentando de murmurações e de malignidade; o natural inquieto e áspero talvez seja mortificado, mas não pode viver sem pecar e sem morder. Um coração brando, doce e amoroso pode ser liberal e esmoler, mas foge de tudo o que o ata e, contanto que satisfaça sua paixão, adota sem dificuldade todas as demais virtudes. A inveja, a avareza e a ambição têm também sua moral: o exterior sempre especioso e sempre à mão um honesto pretexto que dissimula, mas não purga, o veneno. Daqui nascem aquelas aversões, aquelas secretas antipatias, aquela vingança dissimulada, aquelas faltas de caridade que deixam o campo livre à paixão. Todas estas espécies de moral são falsas, todas são enganosas, convêm todas em reformar o gênero humano, gritam a qual mais contra a licença dos costumes do século; clamam todas pela reforma, pela reforma; mas entrementes deixam viver em grosseira relaxação esses imaginários reformadores, severíssimos com os outros, a quem nada perdoam, mas indulgentíssimos consigo mesmos, a quem tudo

perdoam. Que ilusão, Deus de minha vida! Mas quão comum é esta ilusão! Em certos pontos da lei exatíssimos, até serem escrupulosos; mas que não se permitem em outros muito mais importantes? Não se dispensarão por todo o mundo em certas devoções voluntárias, mas sem o menor remorso abandonarão as obrigações mais essenciais de seu estado; jejuarão indefectivelmente certos dias por pura devoção, mas despedaçarão desapiedadamente a reputação do próximo em quantas ocasiões se ofereçam. Estarão muitas horas na igreja com edificação e com exemplo, mas gastarão o resto do dia no jogo, no passeio, nas visitas perigosas e em conversações pouco cristãs; falarão de Deus com acerto e até com gosto, mas ao mesmo tempo se farão insuportáveis a toda a família. Senhor, que mistura tão monstruosa! Cada um destes devotos de perspectiva tem sua moral; mas será porventura a moral de Jesus Cristo?

Segundo ponto

Considera quão perniciosas são todas estas ilusões. Todas elas guiam a uns espantosos despenhadeiros, sem que ninguém se persuada jamais de que vai descaminhado. Quem é o que desconfia de sua moral? Facilmente o podemos conhecer pela teimosia com que cada um segue seu caminho. Conhecemos muitos dos que caíram nestas ilusões que se tenham desenganado delas? Os maiores pecadores se convertem; mas a estes nem sequer lhes passa pela imaginação que têm necessidade de converter-se. É a ilusão uma espécie de cegueira, e o que está cego não vê o precipício. É um veneno que se derrama no coração e do coração se comunica sempre à razão. O pouco bom que se faz neste estado ofusca a vista para que não perceba o muito mau que os demais nos veem fazer. Por isso, este gênero de ilusões quase sempre vem a parar no empedernimento. Vive-se tranquilamente no erro e morre-se nele. Que desgraça mais digna de ser temida! E que desgraça menos temida! O que vos perder, diz o Salvador, julgará que faz um grande serviço a Deus: este é o defeito da ilusão em matéria de costumes e em ponto de moral; praticarão isto convosco, acrescenta o mesmo Salvador, porque não conhecem meu Pai, nem a mim. Por que meio conseguirão seu descaminho? Todo veneno que ataca a cabeça tira de repente a vida. Quando as ilusões são voluntárias, não há que esperar emenda delas; da tranquilidade passa-se ao sono, do sono à modorra e ao letargo. Isto vemos com dor em todos os hereges; sua teimosia e sua obstinação nos erros nascem ordinariamente da ilusão.

Quantas pessoas que fazem profissão de virtude vivem cheias de faltas muito grosseiras! Quantas há que vivem tranquilamente em pecado, ao abrigo de uma falsa consciência! Tudo é fruto das ilusões em matéria de moral. Há alguns desses imaginários devotos que, por um vil interesse, têm um infeliz devedor meses inteiros no cárcere, deixando-o perecer com toda a sua família. Comporá esta dureza e esta desumanidade com o cristianismo? Não há coisa mais contrária a ele; mas compõe-se muito bem com a paixão dominante, que tem a maior parte neste pernicioso plano de moral. Não há perturbação, não há remorso que possa penetrar até a consciência; apoderando-se uma vez a ilusão, em ponto de costumes, da razão e da alma, apenas resta esperança de salvação.

Oh, Senhor, e quanto tenho de que acusar-me a respeito de ilusões voluntárias! Não há moral indulgente, lisonjeira e lassa que não tenha seguido até aqui. Que sistema de consciência é o que formei eu? De quantos pecados não me reconheço réu! E que grande favor me fazeis, Deus meu,

descobrindo-me hoje minhas ilusões e meus descaminhos! Acabai, Senhor, minha conversão por vossa infinita misericórdia, e não siga eu daqui em diante outra moral que a de vossa lei e vosso Evangelho, pois não há outra para a salvação.

Jaculatórias

> *Dirige me in veritate tua, et doce me.* Sl 24.

Dirigi-me, Senhor, pelo verdadeiro caminho de vossa doutrina e ensinai-me a não seguir outro.

> *Legem pone mihi, Domine, viam justificationum tuarum, et exquiram eam semper.* Sl 118.

Instruí-me na segura senda de vossos divinos mandamentos e dai-me graça para que perpetuamente ande em busca dela.

Propósitos

1. Não há mais que um Deus e uma religião verdadeira; logo, tampouco pode haver mais que uma verdadeira moral. A única regra de nossos costumes é o Evangelho; qualquer outra é obra de nossa invenção, de nosso coração e de nosso amor-próprio; pelo que não é de admirar que seja torcida e descaminhada. Pelas ilusões, em matéria de moral, disse determinadamente o Sábio que há caminhos que ao homem parecem direitos, e seu fim é morte e perdição. Tais são os sistemas de consciência que cada um faz a seu gosto; tais esses planos de moral que favorecem o gênio, a inclinação e a paixão dominante. Examina cuidadosamente quais são tuas ideias, tuas máximas neste ponto, qual é tua conduta. Não te perdoes certos defeitos, certos pecados, certas licenças em matéria de costumes com pretexto de que és exato, de que és rígido e talvez severo em outras. Faze em boa hora esmola, que é edificação; mas paga tuas dívidas, que é obrigação; não retenhas a soldada a teus criados nem o salário aos oficiais. Não apertes com demasiado rigor teus devedores. Estás na igreja com devoção e com modéstia? Bom é isso; mas não sejas em casa colérico, pouco sofrido, impertinente e enfadonho, etc. Aqui tens um dilatado campo para examinar-te; conforma tua moral com a de Jesus Cristo.

2. Levantas o grito contra a licença e contra a dissolução dos costumes do século. Louvo teu zelo; mas examina-te bem e olha se se mistura nele uma boa parte de aversão, de ódio, de inveja e de murmuração. Na moral de Jesus Cristo não há inconsequências nem contradições: nota cuidadosamente se descobres algumas na tua; não te fies de teu juízo; olha que é demasiada a

correspondência que tem com o amor-próprio para que não se te faça um pouco suspeito. Consulta tuas coisas com um diretor sábio, prudente e desapegado, que não tenha interesse em lisonjear-te nem em contemplar-te; expõe-lhe com sinceridade todas as tuas máximas, tuas opiniões e tua conduta, sem pôr os olhos em outros princípios que nos do Evangelho. Seja este a única regra de teus costumes, e nunca conheças outra moral que a ensinada por Jesus Cristo.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:53 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:53 by Admin